

O TRATAMENTO DOS CRUZAMENTOS VOCABULARES EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ludimilla Dadiane Cardoso de Jesus
Graduanda, discente UEG/Campus Goiás
ludimilladadiane@gmail.com

Cesar Augusto de Oliveira Casella
Mestre, Professor UEG/Campus Goiás
cesar.casella@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar os cruzamentos vocabulares como processos de formação de palavras, usados pelos falantes da língua tanto quanto os demais – derivação, composição etc – apesar de, via de regra, o mesmo ser desconsiderado pelos materiais didáticos de ensino de língua portuguesa. Em análises linguísticas e científicas, vê-se que as palavras são usadas e formadas de acordo com as necessidades dos falantes e que há múltiplos processos morfológicos a se estudar. Contudo, a gramática normativa tem uma abordagem do tema baseada no 'já existente', preocupando-se em apresentar listas fechadas de palavras bem formadas, acarretando uma desconsideração de outros meios possíveis para a formação de palavras. Esta comunicação consiste na apresentação dos cruzamentos vocabulares, situando-os dentro da morfologia, em relação aos diversos outros processos de formação de palavras, e na análise de materiais didáticos selecionados, dentre eles a *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara, demonstrando como é falho o tratamento pedagógico dado a este processo. Para isto, utilizar-se-á as pesquisas e reflexões de Margarida Basílio, Margarida Petter, Elis de Almeida Cardoso, entre outros. Cumpre notar, ao final, que os estudos especializados em cruzamentos vocabulares passam ao largo da consideração dos gramáticos e dos livros didáticos, o que se coaduna com o caráter tradicionalista da educação linguística brasileira. Para mudar este quadro é preciso rever os métodos inadequados e buscar um ensino voltado para a realidade linguística dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cruzamentos vocabulares. Morfologia. Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Os cruzamentos vocabulares são processos morfológicos de formação de palavras, tanto quanto os processos de derivação ou composição, sendo muito usados pelos falantes, apesar deste processo, em geral, ser desconsiderado pelo ensino de LP (Língua Portuguesa). Neste trabalho apresentaremos o tema, definindo e situando os cruzamentos vocabulares nos estudos morfológicos da língua portuguesa, bem como analisaremos materiais didáticos adotados no ensino-aprendizagem de português, para mostrar a estigmatização deste processo.

Assim, falaremos sobre a morfologia e os diversos processos de formação de palavras, para depois nos aprofundaremos nos cruzamentos vocabulares, explicando e especificando a sua formação, para que este não seja confundido com os outros processos. Por fim, traremos o resultado de análises realizadas na gramática normativa de Evanildo Bechara (2009), entremeadas por reflexões sobre o ensino de língua portuguesa.

Este trabalho calca-se nas pesquisas de Margarida Basílio (1987, 2010, 2011), nos artigos de Margarida Petter (2012), Elis de Almeida Cardoso (2010) e Fernanda Callefi & Manoel Messias Alves da Silva (2013). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que parte de uma revisão da literatura existente e tem como objeto materiais didáticos impressos de ensino da língua portuguesa.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Segundo Margarida Petter (2007) o termo morfologia nasceu na botânica e foi primeiramente empregado na linguística no século XIX, sob forte influência da teoria evolucionista de Darwin, ou seja, esse novo campo de investigação linguística se fundamentava na ideia da evolução contínua das palavras. Essa visão possibilitou o estudo e classificação das línguas indo-europeias em três tipos principais: isolantes, aglutinantes e flexionais (PETTER, 2007, pp. 60-61).

Margarida Basílio (2011) divide os estudos morfológicos em três vertentes:

1). O modelo clássico, uma abordagem que aparece principalmente nas gramáticas normativas e que se limita a enumerar os conceitos e listar ou mostrar exemplos. Pode-se observar que a gramática, dita tradicional ou normativa, tem uma visão da formação de palavras baseada somente na perspectiva das estruturas já existentes. Ou seja, as gramáticas normativas consideram e tratam somente dos processos de formação já catalogados e a consequência imediata disso é a desconsideração de outros meios possíveis para a formação de palavras.

2). O modelo estruturalista, cujo escopo teórico deriva da noção de sistema e que tem uma abordagem que vê as línguas como estruturas autônomas e abstratas. Pode-se apontar que o maior problema dessa abordagem apresenta-se na visão do morfema como menor unidade

significativa, pois muitas vezes o sentido está no todo, no lexema, e a divisão em partes traz a perda do significado global.

3). A abordagem gerativa que, inicialmente, não se preocupava com os fenômenos morfológicos e, posteriormente, ampliou seus estudos de base sintática para o léxico, ao se perceber que a sintaxe não era capaz de tratar fenômenos de ordem lexical. É justamente isto o que diferencia essa teoria das demais, a constituição de seu objeto de estudo.

Tradicionalmente, segundo aponta Basílio (2007), a Morfologia é tida como a parte da gramática que estuda a palavra do ponto de vista da forma. Vê-se que essa definição é algo superficial, devido a amplitude dos termos “forma” e “palavra”, que são amplamente utilizados no cotidiano, perdendo assim sua especificidade terminológica. Deste modo, torna-se difícil uma definição clara e sucinta para a morfologia.

A unidade mínima de estudo da morfologia, dentro do paradigma dominante do estruturalismo, é o morfema. Bloomfield define-o como “uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores” (BLOOMFIELD, 1926, p. 27 *apud* ROSA, 2000, p. 49), ou seja, ele é a menor forma significativa para o estudo da morfologia, indicando tanto um significado lexical quanto um gramatical.

Nessa perspectiva, a palavra é formada por morfemas radicais e morfemas afixais; os primeiros constituem uma lista aberta (e pertencem à ordem do dicionário) e os segundos integram uma lista fechada (e pertencem à ordem da gramática). No entanto, as formações não acontecem de qualquer maneira pois existem normas de restrição que regem a combinação. Um exemplo disso é a sufixação, que não pode ser feita com prefixos: *feliz-in, *contente-des, *temporal-a.

Do ponto de vista clássico, o estudo da formação das palavras segue padrões metodológicos bem fundamentados em que a comutação é vital. O estudo pode ser feito na sincronia (momento atual, sem precisar fazer retomadas do passado) ou na diacronia (com o retorno ao latim, por exemplo). Desta maneira, em 'livro' é fácil reconhecer, sincronicamente, os componentes formativos: <livr-> + {-o}. Estes são recorrentes e significativos: <gat-> + {-o}, <menin-

> + {-o}, <livr-> + {-inho}, <livr-> + {-ão}. Porém, há muitas palavras em que a segmentação não é tão fácil, sendo necessário recorrer ao passado, à Etimologia.

Segundo Câmara Jr. (1972), ao adotarmos a diacronia na comutação do verbo 'comer' veremos que a atual raiz <com->, antigamente era um prefixo, proveniente do latim *Comedere*. A raiz original, <ed-> desapareceu na formação do vocábulo em português, por causa da queda da consoante sonora intervocálica, o /d/, e da crase das vogais /e/ (CÂMARA JR., 1972, p. 14). Assim, hoje, a raiz do verbo é o que anteriormente foi o prefixo.

Nessa perspectiva clássica, então, as palavras normalmente são formadas por partes fixas (radicais) e partes variáveis (afixos) segundo regras de combinação. As formações não ocorrem ao acaso porque a ordem de formação não é meramente linear, mas hierárquica. O que pode ser exemplificado por meio da formação da palavra 'reutilização':

1º passo: <útil-> + {-izar} = utilizar

2º passo: <utilizar-> + {-ação} = utilização

3º passo: {re-} + <-utilizar-> {-ação} = reutilização

Pela ordem, do adjetivo 'útil' forma-se o verbo 'utilizar', derivando daí o substantivo 'utilização' e, por fim, a parassíntese permite chegar à 'reutilização'. Conclui-se que a formação das palavras acontece por meio da combinação de radicais com diferentes classes de afixos, que se unem e se recombina formando diferentes classes de palavras (verbos, substantivos, adjetivos).

Sabemos que as palavras são usadas e formadas de acordo com as necessidades dos falantes da sociedade em que a língua está inserida, pois essa é a visão difundida há muito por linguistas. No entanto, geralmente, os órgãos de ensino e os instrumentos do ato de educar (livros didáticos, gramáticas normativas, apostilas etc) enfatizam apenas os dois processos de formação mais utilizados: derivação e composição. Alguns outros são apenas citados superficialmente: abreviação, formação regressiva, reduplicação, conversão, combinação e o hibridismo.

Evanildo Bechara (2009), no capítulo intitulado *Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional*, diz estar consciente da criação de palavras de acordo com a necessidade comunicativa. Os principais processos, segundo ele, são: a derivação e a composição. O primeiro

deles consiste, para Bechara (2009), na formação, por meio de afixação, de uma palavra primitiva, ou na junção de uma raiz + afixo:

LIVRARIA

LIVR - radical que indica o objeto físico.

ARIA - sufixo usado para indicar lugar, meio, instrumento.

Segundo Bechara (2009), a composição consiste na formação de palavras por meio da junção de dois radicais, para criar uma palavra de sentido único, podendo acontecer de duas maneiras: justaposição (as palavras primitivas não sofrem alteração) e aglutinação (uma das palavras perde componentes para se unir a outra). Exemplos: guarda-roupa (justaposição: guarda + roupa) e planalto (aglutinação: plano+alto).

O gramático faz referência a outros processos, tais como: a derivação regressiva ou deverbal, que “consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum afixo, dando a impressão de serem vocábulos derivantes: de gritar > grito, de pescar > pesca” (BECHARA, 2009, p. 357); a abreviação (emprego de parte da palavra no lugar do todo); a reduplicação (duplicação de vogal ou consoante para formar uma palavra imitativa, como em: tique-taque), a intensificação (o autor utiliza a semântica para explicar um processo morfológico, exemplo: agilizar > agir); o hibridismo (em que as palavras seriam formadas pela junção de elementos de idiomas diferentes, como em: automóvel [grego+ português]); a combinação (uma união de partes de dois termos para formar uma nova palavra, como em: sofressor, sofrer + professor).

Defendemos que a maneira como Bechara define hibridismo é inadequada, porque se analisarmos a formação de palavras no português brasileiro e nas demais línguas, perceberemos que muitas das palavras tem, etimologicamente falando, uma origem híbrida. Sendo assim, a definição de Bechara apresenta-se algo superficial e inconcludente. Na realidade, parece-nos, esta definição de hibridismo desconsidera a diversidade linguística, que serviu de alicerce para o nascimento do português brasileiro. Pior ainda, esta visão limita-se a definir como base do nascimento do português o latim, sendo que as palavras são formadas, de acordo com o próprio Bechara, da união de radicais e afixos latinos e gregos, ao que podemos acrescentar elementos do árabe, de línguas africanas e indígenas.

O último processo citado (a combinação) parece-nos se assemelhar ao que se conhece como cruzamento vocabular. No entanto, o autor não faz citação direta ou indireta a esse processo e, na verdade, é difícil saber de que se trata efetivamente pois os únicos processos apresentados mais minuciosamente foram a derivação e a composição.

O autor da gramática faz, conscientemente, uma exclusão de referências a outras teorias (muitas vezes, mais bem elaboradas que a definição trazida na gramática tradicional) sobre determinados temas, tendo por base a Norma Gramatical Brasileira (NGB). Segundo esta, as citações de determinados autores só podem ser realizadas se os mesmos tiverem seus trabalhos realizados dentro de suas normas. Assim, importantes trabalhos de pesquisas realizados com metodologias diferentes são desconsiderados e, até mesmo, desvalorizados por este gramático e por outros que seguem cegamente a NGB.

Há uma vasta gama de nomes, advinda de uma vasta gama de estudos, que referem-se ao processo de cruzamento vocabular. Segundo um levantamento de Carvalho (2009), temos como denominações para este tipo de fenômeno: amálgama; cruzamento ou intersecção supressiva; mistura; cruzamento morfológico; palavra-valise; amálgama lexical; cruzamento vocabular; fusão e palavra cruzada. Recentemente, Gonçalves (2006) nomeou o processo de *blend* ou mistura lexical. Neste trabalho, optamos pelo termo “cruzamento vocabular” por este parecer se tratar de um termo mais lavrado e acolhido entre os pesquisadores da área.

As definições do cruzamento vocabular, assim como as teorias sobre ele, são diversas e apresentam perspectivas dessemelhantes sobre o mesmo objeto, isto é, apesar desse fenômeno estar presente na língua portuguesa, não há para ele uma definição precisa e indiscutível.

Cardoso (2010) salienta que os cruzamentos vocabulares possibilitam a criação estilística do autor, uma fuga do comum que cria uma individualização sobre o mundo, e por isso este recurso é tão usado na literatura. No entanto, o mesmo pode ser encontrado na vivência comum, no cotidiano, quando usuários da língua fazem a junção de duas palavras, mesclando dois termos aproveitando-se de parte do primeiro e parte do segundo. Assim, mesmo no dia a dia, obtêm-se um significado diferenciado, baseado em questões culturais e comportamentais, quase

brincadeiras linguísticas, como se vê em: “peiticeira” (peito + feiticeira), “Febemdiru” (FEBEM + Carandiru), “namorido” (namorado + marido).

Muitas vezes este processo proporciona uma síntese humorística diante de um fato ocorrido, sendo um recurso que é bastante usado nas charges e notícias críticas sobre a atuação de políticos. Neste sentido, um exemplo é o *Blog do Agamenom*, criado pelos humoristas do Casseta & Planeta e veiculado pelo sítio eletrônico do jornal *O Globo*, que fazia humor com personalidades e políticos. Nele, na postagem *Fui!*, de 28 de Abril de 2013¹, chama-se o ex-presidente Lula de “Luísque Inácio Mula da Silva”, criando-se o efeito de humor a partir de dois cruzamentos vocabulares (Luís + uísque e Lula + mula).

Os cruzamentos vocabulares são tidos como expressivos pois chamam atenção pela originalidade. Alguns tornam-se populares e são dicionarizados, tais como 'futevôlei' e 'portunhol', mas mesmo isso não impede que alguns autores de materiais didáticos os marginalizem.

Pode se dizer que há basicamente dois processos de formação dos cruzamentos vocabulares: por interseção de uma unidade em outra e por truncamento de uma ou das duas unidades componentes. (CARDOSO, 2010, p. 216)

O primeiro processo necessita de uma correspondência fonológica, a perda de componentes de cada base é pouca ou quase nula, como se vê em: “chafé” (chá + café), “lixeratura” (lixo+ literatura) ou “secretina” (secretária + cretina). Os resultados dessa formação adquirem sua expressividade a partir da perfeição da fusão e do sentido obtido.

O segundo processo não enfatiza o compartilhamento fonológico, ele considera a correspondência no tamanho das palavras. Assim, palavras de volume parecido sofrem o truncamento igualmente (por exemplo: “portunhol”, português + espanhol) e, quando o volume das mesmas é diferente, a maior é a que sofre o truncamento (por exemplo: “showmício”, show + comício; “pescópia”, pesquisa + cópia).

1

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/agamenon/posts/2013/04/28/fui-494678.asp>.

Seja por interseção, seja por truncamento, nos dois tipos de mescla, há duas palavras que se unem, sendo que parte de uma completa o sentido da outra, ou de parte da outra. (CARDOSO, 2010, p. 217)

Os cruzamentos vocabulares não são inovações do século XXI, eles advêm da necessidade humana de produzir palavras e de se expressar, por meio de processos diferentes dos já conhecidos, catalogados e difundidos (derivação, abreviação e composição). Eles podem ser encontrados em diversos gêneros textuais, a depender da necessidade, e sua principal função é obter novos significados expressivos. São frequentemente localizados na literatura, pois os autores se valem desse processo para obter resultados estéticos e de significação única. Entretanto, a gramática normativa de Evanildo Bechara (2009), que se diz calcada na literatura, de onde retira os exemplos para ilustração dos fenômenos da língua portuguesa, não faz nenhuma referência a este processo no decorrer da obra.

Autores de literatura, constantemente citados em gramáticas normativas, usam o cruzamento vocabular no decorrer de suas obras. Guimarães Rosa, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, o utilizaram em seus textos, fazendo-o funcionar como uma unidade discursiva responsável por manifestar a expressão do sentimento, entre outras coisas.

Carlos Drummond de Andrade faz uso dos cruzamentos vocabulares em seu poema *deus Kom Unik Assão*, para realizar uma crítica a ao capitalismo e a sociedade consumidora, tratada como não pensante. Ele cria verbos como: “adourar”, “amourar”, “sonourar”, com o objetivo de ressaltar a importância do deus ouro para a sociedade de consumo. Guimarães Rosa, no livro *Tutameia*, utiliza o verbo “embriagatinhar” para apresentar ao leitor as características de um bêbado que precisa, assim como um bebê, andar apoiando-se nas mãos e joelhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano, enquanto ser social, utiliza vários recursos linguísticos para conseguir os sentidos desejados na interação verbal e social, e entre eles estão os cruzamentos vocabulares. Contudo, esse recurso frequente da língua sofre um estigma que advém do fato do ensino-aprendizagem do português desconhecer a sua produtividade e expressividade. Desconhecimento

presente em um importante material de estudo como a gramática normativa de Evanildo Bechara (2009).

Os estudos especializados nesse processo, os artigos acadêmicos por exemplo, não são considerados por gramáticos e livros didáticos, o que evidencia que a educação brasileira tem o tradicionalismo como base teórica. Para que esse quadro mude é preciso rever os métodos inadequados e buscar um ensino voltado a realidade linguística dos falantes.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- BASÍLIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. In: Textos Selecionados. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Porto, APL, 2010, pp. 201-210.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- CALEFFI, F. e SILVA, M. M. A. da. Os cruzamentos vocabulares no ambiente virtual. Anais do IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares.
- CARDOSO, E. de A. Cruzamentos lexicais no discurso literário. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 39 (1): p. 214-222, mai.-ago. 2010.
- PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. *Introdução à linguística: II. Princípios de análise*. São Paulo, Contexto: 2012.
- ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.